

As partidas do tempo: catálogo do léxico patente no livro primeiro do Reportório de André de Avellar (1594)

The time and its parts: lexicon catalog in the 1st book from André de Avellar's Reportório (1594)

Las partidas del tiempo: catálogo del léxico en el primer libro del Repertorio de André de Avellar (1594)

Lisana Rodrigues Trindade Sampaio

Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB/Brasil)

lisanasampaio@ufrb.edu.br

<https://orcid.org/0000-0003-0627-3125>

Alan Souza da Silva

Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB/Brasil)

zlsalans@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0003-3823-9407>

RESUMO

Na Península Ibérica, houve um notável interesse no movimento dos astros, principalmente, durante o reinado de Afonso X de Castela. Nesse período ocorreu a tradução de textos astronômicos e filosóficos da Grécia e do Oriente em um movimento que ficou conhecido como a Escola de Tradutores de Toledo. Nos séculos XV e XVI, esse foi tema de muitas impressões, entre as quais figuram os primeiros *reportórios dos tempos*, produções que atendiam a demanda por textos astronômicos e astrológicos. Neste trabalho, com base na análise descritiva da terceira edição da *Chronographia ou reportorio dos tempos*,

* Sobre os autores ver página 166.



impresa em 1594, e da biografia de seu autor, André de Avellar, apresentam-se considerações sobre o valor testemunhal dos *reportórios* remanescentes e anotações interpretativas sobre 19 itens lexicais patentes no livro primeiro da obra, intitulado *Do tempo e suas partes*, empreendidas com base na transcrição do excerto e de acordo com os pressupostos metodológicos da lexicografia histórico-variacional.

PALAVRAS-CHAVE: *Chronographia ou reportorio dos tempos*; André de Avellar; Século XVI; Estudos sobre o léxico.

ABSTRACT

In the Iberian Peninsula there was a prominent interest in the motion of stars, under Alfonso X of Castile reign. During this period a lot of astronomical and philosophical texts from Greece and the East has been translated and this movement is known as The Toledo School of Translators. In the 15th and 16th centuries this was subject in many impressions, including the first times repertoires that was productions about astronomical and astrological texts, subject rising in this period. This work, based on descriptive analysis about the third edition of Chronographia ou reportorio dos tempos, printed in 1594, and André de Avellar's biography, contains considerations about testimonial value from remaining repertoires and interpretative notes about 19 lexical items collected from the first book entitled The time and its parts, based on text transcription and in accordance with the methodological assumptions from historical-variational lexicography.

KEYWORDS: *Chronographia ou reportorio dos tempos*; André de Avellar; 16th Century; lexicon studies.

RESUMEN

En la Península Ibérica, existía un notable interés por el movimiento de los astros a lo largo del reinado de Alfonso X de Castilla. En esta época se produce la traducción de textos astronómicos y filosóficos de Grecia y Oriente en un movimiento que se conoce como la Escuela de Traductores de Toledo. En los siglos XV y XVI esto fue objeto de numerosas impresiones, entre las que se encuentran los primeros repertorios de la época, obras que respondían a la demanda de textos astronómicos y astrológicos. En este trabajo, a partir del análisis descriptivo de la tercera edición de la Chronographia ou reportorio dos tempos, impresa en 1594, y de la biografía de su autor, André de Avellar, se exponen consideraciones sobre el valor textual de los restantes repertorios y notas interpretativas sobre 19 elementos léxicos del primer libro de la obra, que se titula Do tempo e suas partes, a partir de la transcripción del extracto y según los supuestos metodológicos de la lexicografía histórico-variacional.

PALABRAS-CLAVE: *Chronographia ou reportorio dos tempos*; André de Avellar; Siglo XVI; Los estudios sobre el léxico.

1 Introdução

Os fenômenos astronômicos e a sua influência exercem fascínio sobre a humanidade desde a antiguidade. Na Península Ibérica, houve um notável interesse no movimento dos astros ao longo do século XIII, no reinado de Afonso X de Castela, conhecido como o rei Sábio ou o rei Astrólogo. Durante esse período ocorreu a tradução de textos da Grécia, de Roma e do Oriente para o castelhano, um movimento que ficou conhecido como a Escola de Tradutores de Toledo (MONTEIRO, 2020, p. 426).

Com o advento da imprensa, houve um significativo aumento na produção de textos sobre astronomia e astrologia, áreas que, nessa altura, não se distinguiam. Essa produção difundiu-se rapidamente graças aos almanaques e reportórios (ou repertórios), produções de baixo custo que incluíam várias informações de interesse popular e campesino, como as fases lunares e seus efeitos em plantações, dentre outros fenômenos astronômicos relacionados ao cotidiano da população (MARTINS, 2020, p. 321).

Os reportórios¹, diferentemente dos almanaques, eram publicações mais amplas e enciclopédicas, que abordavam temas que estiveram em evidência nos séculos XV e XVI, como a alquimia, astronomia, biologia, matemática, medicina e as questões filosóficas sobre o tempo.

O reportório mais antigo conhecido parece ser o *Reportorio de los Tiempos* que, em Portugal, ficou conhecido como *Reportorio dos tempos em lingoagem portugues com as estrellas dos signos*, escrito pelo padre André de Li, publicado em Zaragoza, no ano de 1495. A obra de André de Li foi traduzida do castelhano para o português pelo impressor Valentim Fernandes, o qual produziu muitas vezes (COSTA 2001, p.75).

De acordo com Costa (2001, p. 75-79), houve uma “tradição ibérica dos reportórios”, na Espanha e em Portugal, iniciada, pelo menos, no final do século XV, com a mencionada publicação de André de Li, com uma expressiva produção ao longo do século XVI.

Dentre os poucos documentos remanescentes, consta a *Chronographia ou reportorio dos tempos o mais copioso que te agora sayo a luz, conforme a nova reformação do Papa Gregorio XIII*, feito por André de Avellar, impresso, pelo menos, quatro vezes, ao longo da vida do autor, que o revisou e, como registra na capa da obra, o ampliou.

¹Ao longo deste estudo, será utilizada a forma ‘reportório’, conforme consta no corpus analisado.

No presente estudo, será analisada, no entanto, a última impressão da obra feita no século XVI (que corresponde à terceira impressão da obra), com o intuito de conhecer os processos de produção, transmissão e recepção de uma obra (cf. McKENZIE, 2005 [1986]) que, possivelmente, teve singular popularidade, em um período em que houve, como registra Mattos e Silva (2001, p. 33), significativas reconfigurações socioculturais e linguísticas no território português, como “a questão da autoria; o início dos estudos metalingüísticos sobre a língua portuguesa; o início do português como “língua de ensino”; a difusão do livro impresso e não mais “manuscrito” e a ampliação do campo literário” (MATTOS E SILVA, 2001, p. 33).

Nessa perspectiva, na primeira seção deste estudo, apresenta-se uma breve revisão dos estudos disponíveis sobre a terceira edição *Chronographia ou reportorio dos tempos*, evidenciando o valor testemunhal dessa documentação e a localização dos registros encontrados; em seguida, são apresentados dados biográficos de André de Avellar que corroboram com as considerações sobre a relevância de estudos sobre a obra. Na terceira seção, são apresentadas anotações interpretativas sobre 19 itens lexicais patentes no livro primeiro da obra, elaboradas com base em transcrições do texto e nos pressupostos metodológicos da lexicografia histórico-variacional. Por fim, esboçam-se, entre algumas considerações, os anseios pela continuidade da investigação sobre esse documento com o intuito de elaborar um trabalho de cunho lexicográfico, contribuindo, assim, com a investigação sobre a constituição histórica do léxico da língua portuguesa, uma das frentes de investigação do Grupo de Pesquisa Nêmesis, ao qual se filia.

2 Do Reportório dos Tempos, de André de Avellar (1594) – breve descrição do corpus

A terceira edição da *Chronographia ou Reportorio dos Tempos* (1594) encontra-se na *John Carter Brown Library*, um centro de pesquisas, história e humanidades da *Universidade Brown*, em Rhode Island, EUA². Há, no entanto, o registro de outro testemunho da obra no acervo digital da Biblioteca Nacional de Portugal³, no qual pode ser encontrada a primeira edição de 1585

²Há um selo da *John Carter Library* na contracapa da edição estudada, a qual encontra-se disponível em: <https://repository.library.brown.edu/studio/item/bdr:13212/>, acesso em: 25 de janeiro de 2022.

³Disponível em: <https://bdigital.bnportugal.gov.pt/> (<https://purl.pt/14426>), acesso em: 25 de janeiro de 2022.

que, por sua vez, também está disponível no Brasil, no acervo da Biblioteca Nacional, na seção de obras raras (SCHWARCZ, 2009, p. 2). O *reportório dos tempos* de Avellar possui, pelo menos, quatro versões ou edições que foram impressas diversas vezes e publicadas, de acordo com os registros encontrados, até o momento, nos anos de 1585, 1590, 1594 e 1602 (COSTA, 2001, p. 63).

Conforme mencionado, os prognósticos astronômicos e astrológicos se tornaram populares na Europa com o advento da imprensa e eram consultados em almanaques e reportórios, amplamente utilizados entre as variadas classes sociais devido à quantidade de temas abordados (MARTINS, 2020, p. 321). Com a literatura astronômica (ou astrológica), os agricultores poderiam saber as datas e influências lunares sobre as plantações, determinando, desse modo, as datas de cultivo das sementes, raízes, podas e controle de pragas. Havia também os temas relacionados à cronologia que eram de interesse da classe sacerdotal, pois os padres precisavam calcular as datas das festividades religiosas e saber o que fazer e o que evitar durante as fases lunares de acordo com o santo do dia, o qual era informado pelo calendário hagiológico, encontrado em alguns reportórios. Os navegadores também integravam o público-alvo dessas produções pelo interesse em saber sobre datas de eclipses, movimento das marés, se cheias ou baixas, e porque os interessava a orientação a partir da posição das estrelas no Zodíaco e das instruções de como usar a bússola.

Consta na primeira página da obra que a publicação da terceira edição do *reportório dos tempos* de Avellar (1594) foi autorizada pelo rei, o qual, na altura, era Felipe II da Espanha (Felipe I, em Portugal), que também liberou o alvará e decretou os direitos autorais da obra por dez anos. Dentro desse período, ninguém poderia imprimir ou trazer de outros países reportórios em língua portuguesa, o que implicaria na aplicação de uma multa de 50 cruzados para quem imprimisse o documento sem a licença do autor, além da obrigatoriedade de entregar ao autor as tais obras impressas⁴.

Avellar dedicou a terceira edição de sua obra a Álvaro de Lencastre⁵, duque de Aveiro. Na dedicatória, o autor registra que prometeu que qualquer livro escrito por ele estaria sob sua proteção e, no final do texto, se coloca à

⁴ Tais informações constam na capa e na primeira página da obra de Avellar (1594).

⁵ Tal informação consta na sétima página do arquivo, correspondente à segunda página escrita, após a capa.

disposição de Lencastre, como criado do duque (AVELLAR, 1594, p. 6)⁶. A primeira edição, por sua vez, é dedicada a Dom Manoel de Castello Branco (1560-1614), nobre capturado pelos mouros quando tinha 17 anos de idade na Batalha de Alcácer Quibir (1578) que, anos mais tarde, retornou para Portugal, prática incomum à época, pois não era aceitável haver uma homenagem sem autorização do homenageado (MARTINS, 2020, p. 322).

A partir dessas dedicatórias, é possível fazer inferências sobre as fontes que André de Avellar utilizou nas suas obras, uma vez que a biblioteca a qual teria acesso constante seria a de Coimbra, porém ele vivia em Lisboa, onde as bibliotecas estavam em posse de famílias ricas ou instituições religiosas. Nesse sentido, é possível que Avellar tenha tido acesso às bibliotecas de famílias nobres (MARTINS, 2020, p. 323).

O *Reportório dos Tempos* chegou a ser descrito por Innocencio Francisco Silva, em seu *Dicionário Bibliográfico Português*, como um plágio do *Repertorio de Los Tiempos*, de Jerónimo Chaves, ou apenas uma tradução do castelhano para o português (COSTA, 2001, p. 78). No entanto, ao comparar a primeira edição do *reportório*, de Avellar (1585), com a obra de Chaves, a historiadora Adalgisa Botelho da Costa afirmou que a obra de Chaves fora utilizada apenas como consulta, o que também ocorreu com outras obras que apresentavam ao público um compilado com intervenções autorais e outras retiradas de obras anteriores, o que parecia ocorrer com alguma frequência nessa época (COSTA, 2001, p. 81-140).

Na descrição da constituição da obra, no prefácio, Avellar informa que o conteúdo do *reportório dos tempos* é dividido em seis livros e reforça a advertência feita pela Igreja, no início do registro (AVELLAR, 1594, f. 1v.), de que tudo que for relacionado aos signos e planetas não determinam a vontade humana e também classifica-se como um cristão submisso às ordens da Igreja Católica (AVELLAR, 1594, p. 6).

Organizado ao longo de 540 páginas, o documento apresenta uma ‘Taboa’ inicial, ou sumário, de quatro páginas (p. 8-12), nas quais há além dos livros em que o conteúdo é organizado, subtítulos e outras ‘taboas’ que constam ao longo dessa vasta obra.

Com temas muito amplos, os livros que compõem a obra são intitulados da seguinte forma:

⁶ As páginas aqui indicadas são baseadas no arquivo em pdf disponível no acervo digital da *John Carter Brown Library*.

- Livro 1: Dos Tempos e suas partes;
- Livro 2: Do mundo e suas partes ;
- Livro 3: Do prognóstico da mudança do ar, com alguns princípios, que tocam assim à filosofia natural, como também à astrologia rústica, e com umas breves, e muito proveitosas regras para as sementeiras, cultura das árvores, legumes, e ervas, e criação dos animais;
- Livro 4: Dos dias críticos, e caniculares, eleições naturais convenientes para sangrar e purgar, segundo a doutrina dos bons médicos, e astrólogos;
- Livro 5: Da variação dos ciclos solares, letra dominical, e festas mutáveis com o calendário;
- Livro 6: Das tábuas dos lunários, e eclipses, e suas significações.

Em cada um desses livros, o autor aborda diversos temas em capítulos de variadas dimensões. Acredita-se, no entanto, que cada um demande uma observação atenta no que concerne ao registro linguístico e às referências onomásticas. Neste trabalho, como já referido, há um singular interesse pela compreensão do contexto em que a obra foi produzida, pelo seu autor e pelo léxico patente no livro primeiro que trata do *Do tempo e suas partes*.

3 André de Avellar – a pessoa por trás da obra

O décimo capítulo do livro *Sphaera of Johannes de Sacrobosco*, intitulado *André do Avelar and the Teaching of Sacrobosco's Sphaera at the University of Coimbra*, publicado em 2020, apresenta alguns dados biográficos de Avellar, entre os quais, possivelmente, acessados por Avellar e os problemas que o autor enfrentou com a Inquisição (MARTINS, 2020, p. 313-358).

Martins (2020) assevera que, com base na leitura da versão latina da sua primeira obra, intitulada *Sphaera utriusque tabella ad sphaera huius mundi faciliorem enucleationem (Tabela de ambas as esferas, para esclarecimento mais fácil da esfera deste mundo)*, publicada em 1593, André de Avellar nasceu em 1546, na cidade de Lisboa. Mestre em artes, filosofia e em teologia, Avellar foi professor de matemática na Universidade de Coimbra, ocupando a cadeira de Pedro Nunes, a qual estava desocupada há três décadas (MARTINS, 2020, p. 313 - 319).

A entrada de Avellar ao corpo docente de Coimbra deu-se no reinado de Felipe II (Felipe I, em Portugal), quando novos estatutos foram criados para Universidade de Coimbra, como, por exemplo, a necessidade de uma nova eleição para ocupar a cátedra de docente de matemática (MARTINS,

2020, p. 319). Havia também a exigência de que os candidatos fizessem a leitura de duas obras: uma de Euclides de Alexandria e outra sobre a teoria dos planetas (BARREIRA, 1593, f. 77r).

Em diversos registros, como os documentos da Inquisição e dos arquivos da Torre do Tombo, consta que Avellar nasceu em uma família de cristãos-novos, estudou em Salamanca e Valladolid, onde obteve a graduação de Mestre das Artes e também estudou teologia, entretanto, não há muitos registros de sua vida antes de se tornar professor na Universidade de Coimbra.

Sabe-se que Avellar evitou usar a astrologia judiciária, utilizada para fazer previsões, por ir de encontro à ideia de livre arbítrio, defendida pela Igreja Católica. No entanto, apesar dos aparentes cuidados com as regras da instituição religiosa, Avellar foi condenado pela Inquisição (COSTA, 2001, p. 62). Talvez o principal motivo de sua condenação seja a acusação, feita por sua própria filha, de praticar o judaísmo (MARTINS, 2020, p. 319).

De acordo com os registros disponíveis no Arquivo Nacional da Torre do Tombo, Avellar foi preso no dia 20 de março de 1620, com 74 anos de idade, mas foi solto no dia 30 devido a sua idade, com a condição de não sair da cidade sem autorização. Nos registros da Universidade de Coimbra, consta que faleceu, provavelmente, em 1623. No mesmo período em que foi condenado, os *reportórios dos tempos* de Avellar, Chaves e de Barreira foram banidos e considerados heréticos (COSTA 2001, p. 62).

4 Anotações sobre o léxico patente no *Livro Primeiro do Reportório dos Tempos*

No primeiro livro que compõe a obra, intitulado *O tempo e suas partes*, o qual, por sua vez, é subdividido em 66 capítulos, o autor registra as noções de *eternidade*, *evo* e *tempo*, a partir da posição de filósofos gregos e das suas compreensões sobre fenômenos astronômicos e religiosos; seguidas da apresentação da divisão do tempo, dos dias, das horas em unidades menores como *momentos*, *uncias*, *átomos*, até a sua divisão em unidades maiores, como semana, mês e ano (AVELLAR, 1594, p. 13-104).

Orbitando entre as explicações para os nomes dos meses e suas festividades, Avellar (1594) apresenta definições do conceito da divisão do tempo em ano e as suas ramificações. Com singular riqueza onomástica, ao longo desses capítulos, o autor registra suas leituras a respeito das posições de filósofos e astrônomos e estabelece uma cronologia de reis portugueses e

autores clássicos. Tais informações, conjuntamente, formatam reflexões sobre o tempo que ecoam pelo léxico do português atual.

Sabe-se que dentre os diversos aspectos linguísticos, o léxico evidencia-se como o mais dinâmico, uma vez que se constitui como “importante domínio na construção da identidade de uma língua, revelando os complexos processos de variação e mudança a que esta se submeteu em seu fazer sócio-histórico” (MACHADO FILHO; NASCIMENTO; SAMPAIO, 2020, p. 62).

Por essa razão, para empreender a observação cuidadosa e a análise sistemática desse “nível” que constitui a língua, deve-se, contrariando as práticas da lexicografia tradicional, empregadas na elaboração de dicionários modernos, considerar todas as ocorrências de variáveis, registrando toda variação patente no *corpus* estudado por meio de edição filológica que, apesar do anseio interpretativo, não faça significativas intervenções no registro. Tal tarefa tem sido desempenhada pela lexicografia histórico-variacional, a qual, filiada à linguística histórica, e, portanto, interessada em todas interpretar os processos de mudança linguística ao longo do tempo, tem buscado aproximar-se, cada vez mais, “do universo das normas linguísticas em seu pleno processo de variação (MACHADO FILHO; SAMPAIO, 2021).

A lexicografia histórico-variacional tenciona registrar todas as formas observadas nos *corpora* investigados, mesmo que o item ocorra apenas uma vez. De acordo com seus métodos de análise para investigações de textos escritos, é preciso realizar uma cuidadosa investigação filológica, buscando interpretar o registro linguístico, realizando a partir de critérios mais conservadores, uma transcrição do texto que permita evidenciar a amplitude de variação patente no *corpus de pesquisa* (Cf. MACHADO FILHO, 2012; 2014).

Nessa perspectiva, o presente estudo, como já mencionado, intenta tecer algumas considerações sobre os itens lexicais presentes na obra, a partir da transcrição já realizada do seu primeiro livro. Optou-se por desenvolver um estudo de caráter lexicológico que consiste, na perspectiva aqui adotada, nas investigações dos itens lexicais em diversos aspectos, aproximando-se dos interesses e dos métodos adotados pela lexicografia histórico-variacional.

Durante a transcrição do primeiro livro do *reportório* (AVELLAR, 1594, p. 13-104), foram selecionados alguns trechos em que constam itens lexicais relacionados a ideias sobre a distribuição do tempo pela existência e sobre a consciência humana, com base nas noções patentes na obra de Avellar (1594).

Registre-se que embora o texto esteja localizado no fim do século XVI, os temas abordados ainda estão presentes em muitos usos atuais e que, entre os dicionários etimológicos mais conceituados disponíveis no acervo local, consta o *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*, de Antonio Houaiss e Mauro de Salles Villar (2009), e por essas razões considerou-se produtivo cotejar as definições do *reporitorio* com os registros desse dicionário moderno.

Nesse excerto, a primeira noção apresentada pelo autor é a de *eternidade* definida como “*hum espaço que nam tem prin- / cipio, nem fim, nem cousa algũa de successão, & / sempre está em hum ser, & em hũa permanen- / cia.*” (AVELLAR, 1594, p. 13)

É interessante notar que essa definição ainda consta em dicionários do português atual, como o Houaiss (2009, p. 846), em que o item é registrado como “1 característica, atributo, qualidade do que não tem início nem fim 2 duração que não tem começo nem fim, que prescinde de qualquer ordem cronológica” (HOUAISS, 2009, p. 846).

Nesse mesmo dicionário, no verbete ‘eternidade’, há uma terceira acepção, “3 duração que tem começo, mas que não tem fim” (HOUAISS, 2009, p. 846), a qual, curiosamente, é mesma apresentada por Avellar para explicar o termo *evo* da seguinte forma:

Evo he hũa duração, que tem principio, & care- / ce de fim. Em o primeiro instante do Euo, forão / criados os Anjos, os quaes nũa terão fim, posto / q̄ teuerão principio, & assi são mensurados por / Euo, Tãbẽ os ceos, & os elemẽtos, saõ mensura- / dos por, Euo, porque desdo instante que foram / criados por Deos, ja mais fenecerão (AVELLAR, 1594, p. 13).

O termo *evo* é definido por Houaiss (2009, p. 851) como um termo poético ou termo literário do século XV, referente à “perpetuação, duração desprovida de fim” (HOUAISS, 2009, p. 851), vinda do item latino, ‘*aevum*, *ŕ*’ que corresponde a “duração contínua, tempo que não termina, eternidade” (HOUAISS, 2009, p. 851), acepção que se distancia do texto estudado, o qual define *evo* como imitação da eternidade, porém com um princípio (AVELLAR, 1594, p. 13).

É a partir do conceito de *evo* que o autor apresenta as suas compreensões sobre *tempo*, sobre o qual afirma, inicialmente, que: “he aquella parte do Euo, que começou / des que Deos criou o Ceo, & a Terra, até o ato

/ mo presente, que os Philosophos chamão *nũc*” (AVELLAR, 1594, p. 13, *grifo nosso*).

O termo *nũc* referente ao que Avellar (1594, p. 13) chama de "átomo presente", provavelmente, corresponde ao advérbio latino *nunc* que, de acordo com Farias (1962, p. 656), tem o sentido temporal de 'agora', se referindo ao momento presente.

Em seguida, o autor apresenta uma noção de tempo aristotélica, afirmando que “Medesse o tempo cõ o mouimento, & assi dixе Aristoteles no libro /1. de caelo, cap.9. que o tempo era hũa certa medida, & numero / do mouimento do primeiro mobil, considerando nelle partes, pas- / sadas, presentes, & por vir” (AVELLAR, 1594, p. 13).

Destaca-se item lexical *mobil* que, de acordo com Machado Filho (2019, p. 451), está presente em um dos primeiros registros oficiais da língua portuguesa de que se tem notícia, o *Testamento de Afonso II*, datado de 1214, e no texto trecentista *Flos Sanctorum*, com o sentido de 'móvel'. Oriundo do termo latino *mobile*-, *mobil* permanece no português em formações como *mobilidade*, *mobilização*, *mobília* etc.

Com base na mencionada perspectiva aristotélica, Avellar (1594, p. 14) apresenta a seguinte divisão do tempo:

Diuidião os antigos o tempo em certas par- / tes, como lhes pareceo, & entre estas tomarão / por meyo aquella, que chamarão dia. E assi as / partes em que diuidirão o tempo, hũas são me- / nores, que o dia, & outras mayores. As menores / sao Atomos, Vncias, Momentos, Pontos, Qua- / drantes, & horas. As mayores são semanas, meses, Annos, Lustros / Indições, Eras, Segres, Idades. Pois porque o tempo começou / pellas partes menores, assi começaremos a tratar primeiramẽte / por ellas: declarando a ordẽ, & proporção em que se hão hũas com / outras, & porque o dia he o meyo pelo qual com cujo respeito e- / stas partes se contão, por esta causa tratamos primeiramente / dos primeiros dias, que ouue quando o tempo começou [...] (AVELLAR, 1594, p. 14-15, *grifo nosso*).

Como é possível perceber no excerto acima, na obra de Avellar (1594), o tempo é dividido em partes menores, as quais correspondem ao que compõe um dia, abrangendo dos átomos às horas, e em partes maiores, de semanas a idades.

Antes de apresentar a divisão do *dia*, Avellar (1594) explica que:

Dia foy chamado assi, por muitas rezões, hūs / escreuem, que se diriua o nome de Dyan, q̄ quer / dizer claridade, ou lume, outros o diriuão de / Dyas vocabulo Grego, que significa tanto, co- / mo dualitas, que he o numero de dous, porque / o dia he composto de duas partes .f. de noite, & / de luz, outras o diriuão de dijs, que quer dizer Deoses, porque os / gentios puserão aos dias nomes de seus deoses falsos, & vãos. Ou / tros escreuem auerse deriuado este nome de Iuppiter ao qual / por sobre nome chamarão dia, como parece em hum verso de / Orpheo, donde lhe chama Iuppiter Dies pitor, que monta tanto / como se dicessemos Iuppiter pay do dia, & luz (AVELLAR, 1594, p. 15).

Contrariando a primeira informação etimológica disposta nesse excerto do texto de Avellar (1594, p. 15), Machado Filho (2019, p. 197) registra que *dia* vem do latim vulgar e pode ser definido como ‘espaço de tempo de 24 horas’; ‘período em que há claridade do sol e se opõe à noite’; ‘tempo de vida de alguém’; ‘data’ (MACHADO FILHO, 2019, p. 197). A segunda possibilidade para o surgimento da ideia de *dia* é atribuída, segundo Avellar (1594, p. 15), a Júpiter, de acordo com um verso do conhecido músico e poeta Orfeu, filho de Apolo, que cantou Júpiter como “deus romano do dia” também é uma interpretação interessante.

O dia é seccionado nas seguintes partes: *mane* (manhã), *meridies* (meio dia), *diei inclinatio* (início da tarde) e *occidum* (por do Sol), *suprema tēpestas* (início da noite), e da noite: *crepúsculo vespertino*, *vesporum*, *conticinum*, *intempesta*, *gallicinio*, *matutino* e *aurora* (cap. 4, p. 16).

Sobre as menores partes do tempo e do dia, o autor começa com as horas e apresenta uma explicação sobre a aspiração do grego e do italiano, afirmando que:

[...] he de notar, que este nome ho / ra escrito com aspiração, he vocabulo Grego, & si- / gnifica os quatro tempos do anno. 1. Verão, Estio, Ottono, Inuer- / no ... Entre os Italianos este nome hora sem aspi / ração, quer dizer a beira, ou costa do mar, ou aquella parte que ho / termo de qualquer espaço, ou grandeza [...] (AVELLAR, 1594, p. 16).

A segunda parte do tempo é a divisão do dia em quadrantes e faz uso do item *assæ*:

Os cōpotistas âtigos diuidirã o dia natural ã/ 4.pertes a q̄ chamarã quadrantes, & cada hũ / destes contem seis horas do dia natural cha-

/marãose estas partes quadrantes por seme- / lhança, porque assi como quadrans, ou qua- / dras he a quarta parte de hũa liura, ou Asse, / que contem 12. onças, as tres onças he o quadrante, assi tambem / a quarta parte do dia natural, que contem seis horas chamaram / quadrante (AVELLAR, 1594, p. 24).

Na sequência, antes de abordar novamente a questão do item *asse*, Avellar descreve a divisão da hora em pontos ou quartos:

[...] como os calcu- / ladores tiuessem necessidade da diuisão do dia / em partes hũas mayores, outras menores inuentarão vocabulos / cõ que os nomear, por meyo dos quaes entendessem as taes par- / tes, & assi quiserão diuidir a hora em 4. partes a que chamaram / pontos, & são os que a gente vulgar chama quartos de hora, esta / diuisão entenderão sõmente na computação solar, mas na lunar / diuidirão a hora em cinco pontos chamados quintos de hora / pelos nauegantes. Do dito fica claro como em hum dia natural / ha 24. horas, quatro quadrantes, nouenta & seis pontos (AVELLAR, 1594, p. 24).

Após a descrição de *pontos*, visto acima, há o conceito de *momento* em que “[...] Os antigos diuidião cada ponto destes em dez partes / & cada hũa destas partes chamarão momẽto á seme- / lhança do mouimento das estrellas (como escreue S. / Isidoro no libro 5. das Ethymologias cap.29.) [...] (AVELLAR, 1594, p. 24), o mesmo item latino utilizado anteriormente em quadrantes, *asse*, é utilizado no que Avellar (1594) denomina *vnçias*, que equivalem à libra:

[...] chamaraõse onças á seme- / lhança das que se vsão nos pezos & medidas, & cada hũa dellas / val tanto como a dozena parte de hũ asse ou liura, & muitas ve- / zes os escritores na diuisão do tempo vsão dos vocabulos que cõ- / petem a os pezos & medidas [...] (AVELLAR, 1594, p. 24, cap. 17. *Grifõ nosso*).

No dicionário de Machado Filho (2019, p. 377), registra-se o uso de libras no séc. XIV, no já referido *Flos Sanctorum*, com a noção de ‘espécie de moeda da época’. Outro sinônimo de libras é o item *Vnçias* ou onças, como Avellar (1594) afirma, é uma medida monetária conhecida como libra, que segundo Avellar, são sinônimos do item latino *asse*.

Sobre as menores partes, os *átomos*, o autor utiliza conceitos da sua época:

As vltimas & menores partes em que os anti- / guos diuidiram o dia forão em Athomos nesta / sorte, cada hũa das vncias diuidirão em quaren- / ta & quatro partes, a que chamarão Athomos / vocabulo Grego, que quer dizer indiuisiuel, ou im / partiucl, não porque â verdade não se pode hir / fazendo diuisão em infinito como seja corpo conti'nuo o que se / moue, & o tempo seja tambem continuo, & de razão do conti- / nuo he ser diuisiuel em partes sempre diuisiueis (como diz Ari- / stoteles no 6.dos Phyf.c.16)[...] (AVELLAR, 1594, p. 25).

Em outro trecho, o autor utiliza a grafia *athamo*: “mas dizem que o Athamo he par- / te indiuisiuel” (AVELLAR, 1594, p. 26).

Dentre as maiores partes do tempo, a primeira é a *semana*, que para o autor, é um termo equivalente aos termos *hebdomada* e *septimana*:

[...]chamase heb- / domada de hum vocabulo Grego dito hepta, que quer dizer sete / edoas, que significa dia, & assi val tanto como sete dias: chamase / septimana, que quer tanto dizer, como sete tempos matutinos[...] (AVELLAR, 1594, p. 26).

Ao apresentar as suas compreensões sobre a organização do tempo, Avellar (1594) não poderia deixar de registrar a ideia de mês, sobre a qual afirma:

Algũs autores dizẽ, que o mes se deriuou de men / sura, que quer dizer medida, porque elles medẽ / o anno, outros declarão esta Ethymologia dizen / do, que se chamou assi de Myni vocabulo Gre- / go, que val tanto, como Lũa, & assi os Gregos a / os meses chamarão menes, porque os contaũo / por Lũas [...]. (AVELLAR, 1594, p. 27).

Avellar (1594), na descrição dos *meses*, classifica o mês como solar e mês lunar, descrevendo as suas ramificações, quando a Lua faz determinadas conjunções com o Sol, as etimologias, o estabelecimento de cada um dos 12 meses e, ainda, o processo de cristianização de algumas festividades mensais.

Nesse esteio, o termo *ano* (*anno*) é descrito por Avellar (1594) com base em um conceito atribuído aos egípcios, no trecho em que afirma que: “[...] antigamente os / Egyptios (como ainda não fossem achadas as letras) fugurauão o / anno por hu~a serpente, que se mordida no cabo” (AVELLAR,

1594, f. 22r).

Para Avellar (1594), o termo ano possui relação com a ideia de ‘ciclo’ e ‘círculo’, e pode ser classificado em ano solar, ano lunar ou ano bissexto.

Das partes maiores do tempo, há o item *lustros*, que equivale a um quinquênio.

[...] vinha de cinco em cinco Annos, / ou segundo querem outros dizer de quatro em quatro, como as / Olympías, chamouse Lustro de lustro, as que significa alimpar / com sacrificios: porque antiguamente os Romanos alimpauão / a Cidade sacrificando de quatro em quatro Annos, & dauão hũa/ volta á Cidade com cirios acesos: & depois hião ao campo Mar- / cio [...] (AVELLAR, 1594, p. 30).

Após a descrição da demarcação do tempo chamada de lustros, são descritas as *indições*, uma outra medida romana, a qual o autor divide de duas maneiras:

Os antiguos Romanos ordenarão hum certo tẽ- / po, pello qual contaão algũas façanhas dignas / de memoria, & este tempo constituirãono de / 15. em 15. Annos pella facilidade do numerar, & / escreue Beda no de natura rerum cap. 8. que a / rezão da contituição das indições foy por eui- / tar os erros, que podia auer nos Chronistas. / Outros dizem, & assi o confirma Sacrobosco no seu Compu- / to, aueremse instituydo as indições per outra differente razão, & / he esta. Os Romanos auendo conquistado, & sojugado gran- / de parte do mundo, diuidirão o tempo em tal maneira, que pu- / dessem receber os tributos em tres paguas, & cada pagua orde- / narão, que fosse de cinco em cinco Annos (AVELLAR, 1594, p. 30).

Sobre essa medida, o autor a descreve como um período em que eram feitos tributos ao Império Romano, com metais, ferro e com a construção de estátuas e cunhagem de moedas, porém, esses tributos eram pagos separadamente a cada cinco anos, completando quinze anos ao todo (AVELLAR, 1594, p. 30). Avellar (1594) afirma que as *indições* são remanescentes na cerimônia do Círio Pascal (AVELLAR, 1594, p. 31).

Sobre a parte do tempo chamada *Hera* ou Era, é feita a seguinte descrição: [...] E assi el Rey Dom Afonso em suas Taboas, aos principios do / Reynado de algum valeroso Principe, ou de cousa façanhosa / chama hera [...] (AVELLAR, 1594, p. 31). Avellar ainda descreve a morfologia e a fonética do item:

[...] Dizem algũs, que se escreue com diphtongo: dizem- / do æra, & que traz origem ao tributo, que se pagaua a Cæ- / sar. Outros a escreuem com aspiração, & dizem hera, de- / riuandoa de herus, que quer dizer senhor, & dali descende / hera por senhoria, ou Monarchia [...] (AVELLAR, 1594, p. 31).

Avellar usa como exemplo de Era, ainda nesse folio, alguns fatos históricos como a Era de Alexandre, da fundação de Roma e outros exemplos da narrativa bíblica, como a Era do dilúvio e a de Adão.

É notável o uso do item lexical *segre*, identificado em maior número na forma plural *segres* (cap. 1, f. 5) e no cap. 62: [...] Este nome Segre, he considerado em muitas / maneiras, porque a vida presente, & a duração / do mundo se chama Segre, tambem chamão / Segre ao Euo [...] (AVELLAR, 1594, p. 70).

Machado Filho (2019, p. 608-609) registra a ocorrência da forma *segre* no *Flos Sanctorum* (séc. XIV) e no *Tratado dos sacramentos da ley antiga e nova*, de 1399, no qual também ocorre a forma do plural aqui identificada. Como observa Machado Filho (2019, p. 608-609), *segres* possivelmente tem a sua etimologia no item lexical *segle*, do catalão, o qual, por sua vez, vem do latim, *saeculum*. De acordo com as possibilidades de definição disponíveis no verbete consultado, *segres*, nesse capítulo, pode corresponder a *séculos* e em outros contextos pode corresponder à vida secular (assuntos não relacionados à fé).

Na obra de Avellar (1594), a ideia de *segre* parece se aproximar da ideia de evo, termo que, como dito no início desta seção, é definido a partir da ideia de eternidade. *Segre* é, assim, a vida presente e a duração e, segundo Avellar, a diferença deste para evo é de que o último será o que se sucederá ao fim do mundo.

A última e maior parte do tempo é chamada de *Idades*. Machado Filho (2020, p. 342) atribui a esse item lexical o étimo latino *aeuitas* e é interessante notar que, na obra de Avellar (1594), além da forma ‘idade’, aparecem também as grafias *euum* e *euitas* para fazer referência a mesma ideia.

Avellar (1594) versa também a respeito do que compreende por *Idades do homem* e *Idades do mundo*, como demonstra o trecho a seguir:

Idade he assi chamada de Eon vocabulo Gre- / go, de que vem Euum, & Euitas, & vzando da / figura sincopa, de Euitas ficou em Etas. A ida-

/ de segundo algu~s querem, he hum espaço de / tempo que contem vinte & cinco Annos (AVELLAR, 1594, p. 70).

A divisão das Idades do mundo segue uma tradição religiosa, segundo Eusébio e os 72 intérpretes, que segundo Avellar (1594, p. 76), traduziram o Antigo Testamento. Veja-se o excerto a seguir:

DIuidirão os antiguos Padres toda a vniversal du / ração do mundo em seis interuallos de tempo, / a que chamarão as idades do mundo. Esta diui- / são foy assi feita conforme aos seis dias em que / foy criado o mundo, & esta he a cõmuã diuisão / de Eusebio [...] (AVELLAR, 1594, p. 76).

O autor classifica os conceitos de idade em tabelas, dividindo as diferentes idades do ser humano, na primeira tabela, em: *pueritía, adolescencia, Iuuentud, senior e senectus* (AVELLAR, 1594, p. 76); na tabela seguinte, em *mininíce, mocidade, idade de homẽ* e *velhice* (AVELLAR, 1594, p. 76). Por fim, em outra tabela, em *infância* (4 anos), *puericia* (14 anos), *adolescência* (22 anos), *iuuentud* (41 anos), *virilitas* (56 anos), *senectud* (68 anos), *decrepita* (98 anos) e *infância* (0 anos) novamente, pois, segundo o autor, quem passa da idade *decrepita* volta a ser criança (AVELLAR, 1594, p. 75).

Na divisão do mundo em *Idades*, são apresentadas extensas tabelas (AVELLAR, 1594, p. 76) que traçam uma cronologia do nascimento de pessoas influentes e seus feitos, como os mártires e clérigos do cristianismo, dos personagens das narrativas bíblicas e de outras religiões, como o nascimento de Zoroastro e feitos de personagens do politeísmo greco-romano, como a morte de Hércules, Cadmo que “achou as letras gregas” e Mercúrio que “achou a viola” enquanto Josué, personagem bíblico, governava (AVELLAR, 1594, p. 76-93), articulando e fazendo paralelismos entres as crenças.

Certamente, outros itens lexicais serão mapeados ao longo do desenvolvimento das investigações deste *corpus*. Nota-se, no entanto, que os elementos registrados sugerem diversas interpretações sobre as possibilidades de seccionar o tempo, oportunizando a compreensão de partes de um tempo que só será compreendido, pelas escassas fontes remanescentes, parcialmente.

5 Algumas considerações

O passado, como sabiamente afirmou Mattos e Silva, “se esgueira pelo presente e pode clareá-lo, mesmo que se tenha, teoricamente, em muitos casos, como explicar (ou descrever?) o presente sem viagens pelo passado” (MATTOS E SILVA, 2006, p. 16-17).

Nessa perspectiva, mesmo considerando que seja possível empreender discussões e ampliar as perspectivas sobre o tempo e suas partes apenas com evidências sincrônicas, a investigação sobre as partidas do tempo presentes no primeiro livro da *Chronographia ou reportório*, de Avellar (1594), evidencia o quanto esse tema atravessa séculos, despertando o interesse de diferentes camadas de populações.

O acesso a essa documentação pode ser o motor para a reflexão sobre o alcance de algumas produções de caráter enciclopédico, construídas a partir das matérias que possam ser observadas por especialistas e pelo homem comum.

Assim, observando os registros patentes em *corpora* como os reportórios, talvez seja possível compreender processos que se ampliam com o mercado editorial e com a ampliação das produções literárias e do reconhecimento da autoria.

No que concerne ao âmbito linguístico, a variação patente no *corpus* pode indicar processos de mudança que ainda estavam em andamento nas primeiras décadas do que ficou conhecido como português moderno e que poderiam ter se iniciado no início do século XVI, e que servirão para caracterização linguística e compreensão do processo de constituição histórica da língua portuguesa.

É também possível observar, nesse registro, processos de mudança linguística que ainda estão em andamento e ocorrências linguísticas que caíram em desuso, como é o caso de *uncias* e *evo*.

Para ampliação desse debate, com o fôlego de construir estudos acerca do léxico patente na obra aqui apresentada, sistematizando-o em futuros trabalhos lexicográficos, de acordo com os pressupostos teóricos e metodológicos da lexicografia histórico-variacional, defende-se, aqui, o valor das viagens diacrônicas, que realçam e convidam à reflexão sobre as heranças do passado que tantas vezes surpreendem o momento presente (MATTOS E SILVA, 2006).

REFERÊNCIAS

ARQUIVO NACIONAL TORRE DO TOMBO. **Processo de André do Avelar**, 1620. Disponível em: <https://digitarq.arquivos.pt/details?id=2352008>. Acesso em 28 out. 2021.

AVELAR, A. **Chronographia ou reportorio dos tempos o mais copioso que te agora sayo a luz conforme a noua reformation do sancto Papa Gregorio XIII / feito por Andre de Auellar - Nesta terceira impressão reformado & acrescentado pello mesmo author**. Lisboa: Casa de Simão Lopez, 1594.

BARREIRA, A. **Estatutos da Vniuersidade de Coimbra. Confirmados por el rey Dom Phelippe primeiro deste nome, nosso Senhor em o anno de 1591**. Coimbra: Universidade de Coimbra, 1593

COSTA, A. B. **O "Reportório dos Tempos" de André do Avelar. A astrologia em Portugal no século XVI**. Rio de Janeiro: Booklink; São Paulo, FAPESP; Campinas, GHIC (Scientiarum Historia et Theoria, vol. 2), 2001.

FARIA, E. **Dicionário Escolar Latino – Português**. 3. ed. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura, 1962.

FONTES, L. A. História e narrativa na Baixa Idade Média: a escrita do poder afonsino. *In*: ZIERER, A.; VIEIRA, A. L. B.; ABRANTES, E. (org.). **Nas trilhas da Antiguidade e Idade Média**. São Luís: Editora UEMA, 2014, p. 265-270.

LI, A. **Repertorio de los tiempos**. Zaragoza: Pablo Hurus, 1495.

MACHADO FILHO, A. V. L. Lexicografia histórica e questões de método. *In*: LOBO, T., CARNEIRO, Z., SOLEDADE, J., ALMEIDA, A., e RIBEIRO, S.(org.). **Rosae: linguística histórica, história das línguas e outras histórias**. 1ed. Salvador: EDUFBA/FAPESB, 2012, v. 1, p. 381-389.

MACHADO FILHO, A. V. L. Do conceito de “variante” nos estudos do léxico de perspectiva histórico-variacional. **Filologia e Linguística Portuguesa**, 16(2), p. 261-275, 2014. <https://doi.org/10.11606/issn.2176-9419.v16i2p261-275>. Acesso em 20 de junho de 2022.

MACHADO FILHO, A. V. L. **Novo dicionário do português arcaico ou medieval**. 2 ed. Columbia: Amazon, 2019.

MACHADO FILHO, A.V. L; SAMPAIO, L. R. T. A Edição de Textos no Contexto da Lexicografia Histórico-Variacional. *In*: OSÓRIO, P. (org.). **Linguistics and Philology Revisited**: contributos para a instrumentalização das Humanidades Digitais. Universidade de Beira Interior, 2021.

MACHADO FILHO, A.V. L.; NASCIMENTO, I. P. S.; SAMPAIO, L. R. T. Variação lexical no contexto das obras lexicográficas. **Labor Histórico**, v. 6, 2020, p. 61-87.

MCKENZIE, D. F. **Bibliografía y sociología de los textos**. Tradução Fernando Bouza. Madrid: Akal, 2005 [1986].

MARTINS, R. A. André do Avelar and the Teaching of Sacrobosco's Sphaera at the University of Coimbra. In: VALLERIANI, Matteo. (org.). **De sphaera of Johannes de Sacrobosco in the Early Modern Period**. Cham, Dordrecht: Springer International Publishing, 2020, p. 313-358.

MATTOS E SILVA, R. V. **O português arcaico: fonologia, morfologia e sintaxe**. São Paulo: Contexto, 2006.

MATTOS E SILVA, R. V. Reconfigurações socioculturais e lingüísticas no Portugal de quinhentos em comparação com o período arcaico. **Alfa**, São Paulo, v. 45, p. 33-47, 2001.

MONTEIRO, F. C. M. A Escola de Tradutores de Toledo: a oralidade da escrita. **Cadernos de Literatura em Tradução**, n.23, p. 417-435, 2021. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/clt/article/view/188374>>. Acesso em: 9 ago. 2021.

SAMPAIO, L. R. T. Entre a Filologia e a Lexicografia Histórica: notas sobre a elaboração de uma edição das cantigas satíricas do Cancioneiro da Biblioteca Nacional para o estudo do léxico. **Filologia e Linguística Portuguesa**, 22 (Especial), p. 33-49.

SCHWARCZ, L. M. Introdução: "um repertório do tempo". **Revista USP**, n. 81, p. 18-39, 2009. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/13728>>. Acesso em: 21 jun. 2021.

Recebido em 31 de janeiro de 2022.

Aceito em 8 de junho de 2022.

Publicado em 28 de julho de 2023.

SOBRE OS AUTORES

Lisana Rodrigues Trindade Sampaio é doutora pelo Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura. Atualmente, é professora adjunta do curso de Letras da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia.

Alan Souza da Silva é graduando em Letras pela Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB).